

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
Brevemente neste cinema: Alexander Kluge  
28 de Abril de 2021

**"NACHRICHTEN AUS DER IDEOLOGISCHEN ANTIKE: MARX –  
EISENSTEIN – DAS KAPITAL**

*“Notícias da Antiguidade Ideológica: Marx, Eisenstein, ‘O Capital’” / 2008*

*um filme de ALEXANDER KLUGE*

**Realização, Argumento, Montagem e Produção:** Alexander Kluge / **Com:** Hannelore Hoger, Charlotte Muller, Oksana Bulgakowa, Hans Magnus Enzensberger / **Cópia:** da DCTP, em ficheiro digital, cor e preto e branco, legendada em inglês e electronicamente em português / **Duração:** 83 minutos / Primeira exibição na Cinemateca.

---

*“Gostaria que Vertov e Eisenstein tivessem realizado juntos o projeto de transformar O Capital em filme em 1929.”*

*“Nos arquivos do passado encontraremos o futuro”*  
Alexander Kluge

Esta é uma sessão que antecipa a retrospectiva da vastíssima obra cinematográfica de Alexander Kluge, organizada em colaboração com a Casa do Cinema Manoel de Oliveira/Fundação de Serralves, que acolherá ainda a primeira exposição da obra de Kluge em Portugal, uma instalação inédita constituída por vários filmes intitulada *A Política dos Sentimentos*. Alexander Kluge (n. 1932), que contamos poder receber na Cinemateca no início da retrospectiva previsto para 15 de Julho, é um dos mais importantes nomes do cinema contemporâneo, que, desde os anos cinquenta, tem desenvolvido uma obra multidisciplinar que atravessa a literatura, a filosofia e o cinema, passando pela produção de programas culturais para televisão. Como se tem escrito, sendo próximo de Theodor Adorno ou de Jürgen Habermas e da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, Kluge foi um dos signatários do Manifesto de Oberhausen (1962) e um dos precursores do Novo Cinema Alemão.

Das mais conhecidas longas-metragens, aos muitos filmes produzidos em vídeo nas últimas décadas maioritariamente para televisão, mas que têm igualmente sido remontados e apresentados em contextos expositivos, todo o seu prolixo trabalho revela uma profunda reflexão sobre a contemporaneidade e sobre a História recente da Europa e da Alemanha, no seu cruzamento com a história do cinema e um questionamento das próprias imagens, reinventando continuamente os modos de fazer cinema (e televisão). É importante adiantar que para Kluge a televisão é um meio que se apresenta como uma extensão do cinema, e mesmo da sua escrita, apresentando a vantagem da sua ampla difusão. Trata-se de um cinema crítico de pendor progressivamente mais ensaístico, assente na colagem de géneros e de materiais, que revelaremos ao longo de uma retrospectiva muito abrangente, que atravessará as várias fases da sua obra, incluindo trabalhos muito recentes (está prevista para breve a estreia portuguesa da sua última longa-metragem, **Orphea**, realizada em 2020 em parceria com o realizador filipino Khavn, que com Kluge já havia assinado em 2018 **Happy Lamento**, obras que revelam bem o ecletismo da obra de Kluge).

Em modo de antecipação da retrospectiva, nesta sessão apresentamos **Nachrichten aus der ideologischen Antike: Marx, Eisenstein, Das Kapital** / “Notícias da Antiguidade

**Ideológica: Marx, Eisenstein, 'O Capital'**". Este é talvez filme mais conhecido que Kluge realizou nos últimos anos, de que exibimos a sua versão mais curta com cerca de uma hora e meia de duração, montada por Kluge com vista à sua exibição em sala de cinema. Na sua versão mais longa o filme estende-se ao longo de nove horas e meia de duração, versão que pretendemos mostrar na retrospectiva em Julho. Este é assim um monumental projecto cinematográfico que parte de um projeto de filme que S.M. Eisenstein nunca realizou para retomar a sua ideia de base: filmar *O Capital*, de Karl Marx, a partir da estrutura literária de *Ulisses*, de James Joyce. Um projeto que resulta numa investigação e num palimpsesto composto por material de arquivo (as imagens de Eisenstein e dos seus filmes e muitas outras); entrevistas várias (o extraordinário testemunho de Oksana Bulgakowa sobre **Outubro** e os diários e as notas de Eisenstein – que revela como um dia depois de terminar a filmagem de **Outubro**, Eisenstein, que chegou a cegar na montagem do filme por exaustão, queria adaptar *O Capital* e como este encontrou Joyce em 1929 – ou a conversa com Hans Magnus Enzensberger em que este manifesta vontade de escrever um grande poema sobre a economia); leituras de textos por jovens actores e pelo próprio Kluge; músicos em cena; e um cuidado trabalho gráfico, que confluem no sentido de interrogar o projecto em questão e em simultâneo a contemporaneidade. Essa interrogação produz-se numa multiplicidade de sentidos: na evocação das memórias associadas às imagens que ficam desse ano de 1929; no diagnóstico das forças fortíssimas que tendem a puxar os homens para os extremos; no fetichismo (e no lamento) da mercadoria, na lúdica aproximação de Karl Marx aos irmãos Marx, etc.

Se na obra de Kluge é essencial a ideia de uma colagem de “fragmentos” filmicos (e não filmicos) reunidos como uma constelação, trata-se aqui de mais uma clara manifestação de um cinema em que a noção de fragmento tem um papel essencial. Um prodigioso trabalho de montagem que só encontra paralelo na obra de Jean-Luc Godard, sendo que Kluge trabalha as suas imagens e a coalescência de temporalidades distintas de forma absolutamente invulgar. Veja-se o extraordinário trabalho de montagem dentro de algumas destas imagens, divididas numa miríade de pequenos ecrãs em simultâneo, corolário de uma ideia de troca e metamorfose permanente que Kluge importa do pensamento de Marx, filtrado por Eisenstein e por Joyce.

Tal desejo de troca incessante e de um diálogo permanente com terceiros e com outras obras presentes ou passadas é bem explicitado numa entrevista a Hans Ulrich Obrist em 2017 em que Kluge refere o encontro entre Joyce e Eisenstein: “Teve lugar em 1929, no mesmo mês que a Black Friday. E não devemos deixar ir 1929. Se o projecto que eles discutiram nunca foi prosseguido, então tem que ser realizado.” Estas são palavras que apontam bem para a ambição desmesurada do “Projecto” de Alexander Kluge e para o que este cineasta-arqueólogo define como a “boa imagem de que devemos partir”: “Nos arquivos do passado encontraremos o futuro”. No meio da crise financeira de 2008, Kluge realiza o filme não-realizado por Eisenstein em 1929, projecto esse que pode (e deve) ser lido à luz dos dias de hoje. Como afirma nessa mesma entrevista a Obrist: “Não há boa vida num mundo errado, mas este é o único temos. No meio do naufrágio, somos chamados a reparar o navio (...) Em 1928 poder-se-iam ter criado condições através de 800.000 professores que poderiam ter evitado que me sentasse impotente numa cave em 1945. Posso começar agora a resolver os problemas de 2026 (...)”.

Joana Ascensão